

LIMA BARRETO E WILSON BUENO: VOZES DISSONANTES E A HISTÓRIA REVISITADA

Eliza da Silva Martins Peron (UFMS/CPTL)¹

Resumo: Os limites entre Literatura e história sempre foram objeto de discussão. Nosso artigo terá o escopo de averiguar de que maneira os autores manejam o discurso literário e organizam o passado histórico possibilitando esse entrecruzamento literatura, história, passado e presente. A análise incidirá sobre as obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1994), de Lima Barreto, e *Amar-te a ti nem sei se com Carícias* (2004), de Wilson Bueno. Duas vozes dissonantes distantes pelo espaço temporal, mas que tecem na narrativa uma revisão histórica e alegórica de nosso próprio presente. Deste modo, nos propomos verificar de que maneira esses vestígios do passado encontram-se textualizados e/ou revisitam a história.

Palavras-chave: Literatura e História; arquitetura literária; romance brasileiro; história revisitada.

O artigo tem o escopo de demarcar a partir da análise dos romances de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1994), e *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (2004) de Wilson Bueno traços comuns que identifiquem o projeto dos escritores em tecerem uma crítica à realidade política e social do Brasil da Primeira República apresentando por meio da ironia e da sátira a realidade social, cada um a seu modo.

A metodologia tangenciou-se a evidenciar de forma comparada os temas similares, sendo eles: o preconceito racial, a política, a crítica social emanada de uma sociedade escravagista imersa nos ideais europeus propagados pela *belle époque* e ainda o fato de ambos criticarem a linguagem utilizada na época.

Em Lima Barreto, nosso intuito será o de refletir acerca de quais fatos hegemônicos o escritor conjectura pós implantação da República e os problematiza nas linhas do romance retratando acontecimentos históricos, dentre eles, as relações e as manipulações de poder, a tirania e fatos sociais da época, a descrição do povo, do linguajar simples, da dicotomia entre a pobreza e riqueza durante a *belle époque*.

Em Wilson Bueno, o entrecruzamento entre a ficção e a realidade possibilita uma re-leitura de acontecimentos passados porque retoma a crueldade no trânsito do século XIX para o XX. Nesse entre séculos a crítica tecida permeia desde os bastidores da Guerra do Paraguai, a escravidão e o preconceito de uma sociedade a esconder os desmandos via

¹ Mestre e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL). Técnica de Nível Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Nova Andradina). E-mail para contato: elizamperon@gmail.com Apresentação de trabalho apoiado pela UFMS por meio do edital PROAES/PROECE/PROPP.

retórica. O autor recupera ainda fatos posteriores à República, evidenciando a desagregação instaurada após a queda da monarquia, reflexões para nosso repensar no presente.

Ao comparar essas vozes dissonantes ainda que distantes pelo espaço temporal, assinalamos a contestação de valores e da política apresentada pelos autores ao criticarem os recônditos da história. Para empreender e nos respaldar nessa apreciação, na Literatura nos pautaremos nas teorias de Linda Hutcheon (1991) para quem as narrativas contemporâneas se mesclam e se incorporam ao presente de maneira reciclada, considerando diferentes processos para o fazer literário, sendo uma delas a metaficção historiográfica. Para pontuar as referências históricas utilizaremos, as reflexões de Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio (2001) e de Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling (2015).

Lima Barreto formula na obra em epígrafe fatos históricos que remontam ao Brasil pós-implantação da República mais precisamente sob a presidência de Floriano Peixoto (1891-1894). A descrição dos fatos não se atém ao espaço e à desagregação provocada, mas funciona como denúncia das práticas vigentes dentre elas o arraigamento dos valores europeus, a política social, as iniquidades da sociedade brasileira de seu tempo, ironizando ainda os bastidores das guerras e as imposições de seus comandantes.

Já *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (um decassílabo perfeito para uma nação imperfeita segundo o próprio Bueno), é um romance que, ao focar um triângulo amoroso (entre um militar, um rico herdeiro e sua esposa), especificamente entre os anos de 1850 a 1914, critica o falar vernacular rebuscado dos Oitocentos, e segundo Marcelo Pen (2004, p. 1): “[...] assenta pau na empáfia e bisonhice das elites nacionais e revela a crueldade latente e ostensiva do século 19”.

A obra mistura episódios factuais e inventados e se revela pela apropriação e mescla de textos e citações literárias, fatos históricos, referências explícitas e implícitas. Nessa miscelânea pode-se inferir que a motivação para a escolha e figuração de um personagem, espaço ou acontecimentos, sejam esses fictícios ou plausíveis de referências históricas servem tanto para fornecer o efeito de real quanto estabelecer um jogo metalinguístico e intertextual com o leitor num paralelo entre o universo linguístico

e o extratextual, na tentativa de convencer de que essas realidades são equivalentes: história e personagens/acontecimentos fictícios ou reais.

Exemplo é a alusão ao então prefeito do Rio de Janeiro Pereira Passos que Wilson Bueno empresta das referências históricas. O mesmo foi responsável por uma política higienista que pressupunha, de certo modo a exclusão das minorias. Vejamos: “Mais um pouco, destituíam o velho Pereira Passos, - melancolicamente falecido, aliás, não faz dous anos, a caminho da Europa -, e punham em seu lugar uma comissão nomeada pela malta para desgovernar os destinos deste burgo *al maré*”. (BUENO, 2004, p. 174).

Com esse trecho, o narrador alude também a um episódio referido pela história: a indignação que levou a um motim popular em 11 de novembro de 1904, conhecido como “A Revolta da Vacina” em que populares se revoltaram contra a vacinação obrigatória em massa sob pretexto de erradicar a varíola. Na verdade, uma artimanha política tramada pelo médico Oswaldo Cruz sob o comando do prefeito Pereira Passos, uma atitude impositiva à revelia dos pobres, negros, subcidadãos, sem poder de escolha, sem voz, já que não interessava ao Estado classes tão estratificadas e dicotômicas, era preciso “limpar” a sociedade:

Numa demonstração de arbítrio e o pisar mais comezinho das regras da lei, vilas inteiras eram invadidas, com os homens do Dr. Cruz caçando a laço fosse quem fosse para a vacinação obrigatória contra a varíola. Perto de minha data aniversária, lembra-me como se fôra agora há pouco, a população levantou-se contra os poderes constituídos e fez desta cidade do Rio um vero Campo de Batalha. Bondes virados de ponta cabeça, lojas comerciais depredadas, incêndios e barricadas. (BUENO, 2004, p. 174)

Por sua vez essa mescla entre ficção e história também pode ser observada no romance de Barreto ao aliar no constructo da narrativa episódios e fatos plausíveis de confirmação histórica tais como Floriano Peixoto e Marechal Deodoro. Com essa estratégia o autor escancara os desmandos políticos, as crueldades praticadas em nome das guerras, a queda da monarquia e implantação da República, suas revoltas, o ambiente opressivo e claro, *a belle époque*.

Essa crítica em relação às guerras e revoltas vêm retratadas nos dois romances. Da guerra, o romance de Bueno relembra tanto sua face

sanguinolenta quanto ironiza os *heróis dos pés quebrados*, situação observada a partir da leitura da reflexão do personagem Leocádio em relação ao amigo Licurgo um herói do pé-quebrado e sua vida “flauta” com todos os direitos e regalias que a vida militar lhe oferecia sem envolver-se ativamente na batalha, fato esse que intuímos por meio da expressão um herói, “ainda que do pé-quebrado”:

Do canapé, consinto no silêncio do Licurgo. Pensaria em quê, ele que quase não pensava nada? Desde que voltara da Guerra, levava a vida na flauta, com os direitos que eram dele, de herói, aceito, ainda que herói do pé quebrado, como os sonetos diletantes, mas ficar lá tocado aonde lhe mandasse o vento, era grave, e um pouco danoso à sua juventude dele (BUENO, 2004, p. 31).

A denúncia se desvela por meio do questionamento aos cargos e honrarias recebidas na maior parte das vezes sem o devido mérito e ascensão desses heróis ainda que dos pés-quebrados. A sátira se intensifica quando o narrador os compara aos *personagens heróis*, aqueles que vivem apenas nos sonetos, nas ficções. Na obra de Lima Barreto essas referências às guerras e aos títulos suspeitos conferem efeitos que vão do cômico ao sarcástico. Exemplo é o personagem General Albernaz o qual, embora se vanglorie das batalhas, tal como Licurgo, o personagem de Bueno também não participou dela de forma ativa:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso ou aquilo, escriturário, almoxarife e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em General. [...] Nada entendia de guerras, estratégias, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito, estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos. (BARRETO, 1994, p. 16).

A crítica em *Amar-te a ti...* não se atém a ironizar esses heróis, mas narrar a face sangrenta da guerra do Paraguai e fazer com que o leitor reflita sobre o extermínio em massa incitada pela ação dos militares republicanos que, no desejo de destronar o rei, não se preocupavam no que era ou não bom para a população, matando, torturando, dizimando e vem retomada por Bueno (2004, p. 51):

- E com o fito de destronar o tirano, vai-se contra milhares de vidas, meu amigo? Sei que és um militar de raiz e não o fosse talvez estivesse a concordar comigo, se bem tenho visto civis ardorosamente a favor das atrocidades dizem que comandadas em pessoa pelo Duque contra a indiarara paraguaia [...]

- Disseste-o bem, indiarada...Aquilo a rigor não é gente, Leocádio

Em relação às atrocidades ocorridas na referida guerra, Priore & Venâncio (2001, p. 288) explicitam que essa: “[..] vitimou milhares de paraguaios, brasileiros, argentinos e uruguaios, sendo, por isso mesmo, considerada o conflito sul-americano mais sanguinolento – e também de mais longa duração – ocorrido durante o século XIX” e ratificam ainda as crueldades cometidas pelo exército ou pelos altos cargos por atuarem enquanto agentes políticos: “Em relação ao Brasil, a guerra teve repercussões que foram muito além dos sofrimentos nos campos de batalha, revelando as contradições da sociedade escravista e transformando o exército em um importante agente político”. (PRIORE E VENÂNCIO, 2001, pgs. 228-229).

No romance de Bueno revela-se que as implicações da Guerra foram além da insatisfação do povo. Se por um lado o Brasil assolou o Paraguai em sua população e poder monetário, por sua vez um dos efeitos dessa guerra foi a consolidação da queda da Monarquia. Linda Hutcheon denomina os romances onde se visualiza uma abordagem histórica e reflexiva de metaficção historiográfica e demarca seu caráter “ao mesmo tempo, intensamente auto-reflexiva e paródica” (HUTCHEON, 1991, p. 12). Isso posto verifica-se que a tematização da guerra, ambientes e bastidores das batalhas e revoltas compõem nas obras analisadas um dos motes para o repensar do passado.

Igualmente, essas insatisfações e implicações históricas são abordadas por Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling em *Brasil: uma biografia* (2015) e apontam como uma das consequências na transição da monarquia para a República, o devotamento de uma parcela da população ao período monárquico e aos títulos honoríficos:

Assim, apesar dos esforços, continuava enraizado na nação um incômodo imaginário monárquico, presente até hoje não só em elementos da retórica patriótica como numa concepção de sociedade ainda impregnada pela mística dos títulos de nobreza, das ordens honoríficas e dos títulos de consagração. (SCHAWARCZ; STARLING, 2015, p. 319).

Com Lima Barreto, a vanglória por altas patentes e insatisfação em torno da Monarquia e conseqüente fortalecimento da República evidencia-se na cena em que o

narrador delega a fala aos personagens general Albernaz e almirante Caldas que, embora sejam detentores de altos cargos denotam descontentamento: “[...] Albernaz você quer saber de uma cousa: estávamos melhor naquele tempo...diga lá o que disserem...” (BARRETO, 1994, p. 119). O sentimento de contrariedade evidenciado importa na medida em que se ressalta as agitações na política, as revoltas e as perseguições e consequentes manifestações contra a república nos primeiros anos pós proclamação:

A cidade andava inçada de secretas, “familiares” do Santo Ofício Republicano, e as delações eram moedas com que se obtinham postos e recompensas. Bastava a mínima crítica, para se perder o emprego, a liberdade, - quem sabe? - a vida também. Ainda estávamos no começo da revolta, mas o regime já publicara o seu prólogo e todos estavam avisados. O chefe de polícia organizara a lista dos suspeitos. Não havia distinção de posição e talentos. Mereciam as mesmas perseguições do governo um pobre contínuo e um influente senador; um lente e um simples empregado de escritório. Demais surgiam as vinganças mesquinhas, a revide de pequenas implicâncias... Todos mandavam; a autoridade estava em todas as mãos. (BARRETO, 1994, pgs. 122-123).

Nessa citação, observamos a comparação dessas perseguições ao “Tribunal do Santo Ofício” que julgava as pessoas consideradas ameaças à igreja. A maneira com que o autor entrelaça a história à literatura permite ao leitor delinear o painel do despotismo implantado ao narrar as perseguições durante o governo do Marechal Deodoro e que teve continuísmo no de Floriano: as intimidações, agressões, ameaças, censura, prisões arbitrárias, mortes, tortura dentre outros horrores: “Os funcionários disputavam-se em bajulação, em servilismo... Era um terror, um terror baço, sem coragem, sangrento, às ocultas, sem grandeza, sem desculpa, sem razão e sem responsabilidades” (BARRETO, 1994, p. 123).

O autor, além do retrato das torturas, ameaças, massacres e perseguições pós-proclamação sugere por meio de fina ironia as possibilidades dos ganhos extras e os interesses pessoais auferidos aos que denunciavam “os contrários” à República e à ditadura implantada por seus governantes. Exemplo disso está em Albernaz:

Depositava, entretanto, uma certa esperança na ação do marechal. Estando em apuros financeiros, não lhe dando o bastante a sua reforma e a gratificação de organizador do arquivo do Largo do Moura, esperava obter uma outra comissão, que lhe permitisse mais folgadoamente adquirir o enxoval de Lalá. (BARRETO, 1994, 125)

Outrossim, assinala uma política ditatorial que Bueno também explana. Os traços do personagem cuja alcunha nos parece ser a de Floriano nos convida a visualizar um governo tirânico, cruel:

A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a cousa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. (BARRETO, 1994, p. 137).

O resultado dessa profusão de temas aparentemente insignificantes é reconstruir fatos importantes de uma cultura e de uma época, além de aclarar muitos dos horrores que a história oficial não conta. Nesse entrelaçamento cada tema histórico é habilmente escolhido e se materializa pela ironia ao novo regime e conseqüente desvanecimento dos sonhos de quem acreditara ou sonhara com dias melhores aos subalternos, marginalizados, esquecidos nos subúrbios os pobres, negros e excluídos.

Do mesmo modo, no romance contemporâneo *Amar-te a ti nem sei se com carícias* a presença do passado também não se dá de forma nostálgica, mas como uma reavaliação crítica. Parafraseando Hutcheon os fatos históricos retratados e marcados pelo diálogo entre o passado e o presente é uma das características da metaficção historiográfica e constitui “um diálogo irônico com o passado” em que suas formas estéticas e formações sociais são problematizadas por meio da reflexão crítica: “[...] outra dimensão é acrescentada pela utilização das irônicas inversões da paródia: a relação crítica da arte com o ‘mundo’ do discurso – e, por intermédio deste, com a sociedade e a política” (HUTCHEON, 1991, p. 182).

Outra faceta com respaldo histórico refere-se ao incômodo monárquico atrelado à retórica patriótica. Para explorar essa premissa, Bueno recupera a linguagem eloquente e demonstra a crueldade latente daquele século. O projeto linguístico se dá pela apropriação de palavras rebuscadas e outras de antigamente a fim de revelar a sagacidade dos detentores do poder em escolhê-las cuidadosamente a fim de confundir as pessoas simples.

Assim, o escritor se vale da liberdade conferida pela literatura para combinar elementos fictícios ao relato misturando dados alguns históricos e redimensionando

outros de modo que se avulta na narrativa as múltiplas facetas da deterioração urbana, abrangendo segmentos de tipos sociais e suas manifestações questionando ainda, as estruturas sociais e políticas da época. Exemplo é o personagem Leocádio reprodução de um monarquista e escravista confesso que apesar de culto, escondia suas maldades e desmandos camuflados na rica seleção vocabular. Senhor de um rico acervo de palavras, conforme depreendemos do diálogo: “- Leocádio José, **não adianta ficar catando as palavras no rol de seu rico acervo delas**” (BUENO, 2004, p. 165, grifo nosso).

Assim, a retórica funciona na narrativa como reflexão sobre a violência que ainda vigora em nosso presente e se perpetua pelos discursos vazios. Ainda no que tange à crítica ao rebuscamento da linguagem Lima Barreto (1994, p. 117) também denuncia a retórica vazia dos que detinham o poder versus a simplicidade do povo. Para tanto utilizou em suas narrativas uma linguagem coloquial reproduzindo-a como se a revelar as dores e medos ante o novo regime que se avizinhava e suas consequências:

- Seu patrão, amanhã não venho “trabaiá”.
 - Por certo, é dia de feriado... A Independência.
 - Não é por isso.
 - Por que então?
 - Há baruío na corte e dizem que vão arrecrutá. Vou pro mato...Nada!
 - Que barulho?
 - “Tá” nas “foias”, sim “sinhô”.
- Abriu o jornal e logo deu com a notícia de que os navios da esquadra se haviam insurgido e intimado ao presidente para sair do poder.

Essa crítica ao rebuscamento se estende aos costumes da época e às importações europeias e pode ser observada nos dois romances: a *belle époque*. Em Triste fim de Policarpo Quaresma uma dessas referências infere-se, dentre outros meios, da descrição das instalações burguesas de seu compadre Coleoni:

A casa ficava no centro do terreno, eleva-se sobre um porão alto, tinha um razoável jardim na frente, que avançava pelos lados, pontilhado de bolas multicolores; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente. Era uma instalação burguesa, no gosto nacional, vistosa, cara, pouco de acordo com o clima e sem conforto. (BARRETO, 1994, p. 45)

Para demonstrar a diferença e dicotomia entre os cenários, Barreto narra os minúsculos casebres do subúrbio que se mesclavam aos suntuosos casarões e emaranhava também as classes sociais:

Vai se por uma rua a ver um correr de *chalets*, de porta e janela, parede de frontal, humildes e acanhados, de repente, se nos depara uma casa burguesa, dessas de compoteira de cimalha, a se erguer sobre um porão alto com mezaninos gradeados. Passada essa surpresa, olha-se acolá e dá-se com uma choupana de pau-a-pique coberta de zinco ou mesmo palha, em torno da qual formiga uma população; adiante, é uma velha casa de roça, com varanda e colunas de estilo pouco classificável, que parece vexada e querer ocultar-se, diante daquela onda de edifícios disparatados e novos. (BARRETO, 1994, p. 78).

Ao retratar tipos marginalizados, pretos recém libertos e ainda descrever as casas simples dos subúrbios delineia uma época não tão bela assim. Do mesmo modo, Bueno mapeia os acontecimentos e os costumes da cidade do Rio de Janeiro, revelando, entre outras coisas, uma sociedade escravista, preconceituosa, cruel e beletrista.

Em relação à crítica enquanto o autor contemporâneo narra do século XXI acontecimentos do passado é mais livre para tecer uma crítica incisiva. Já Lima Barreto evoca a condição subumana dos negros e miseráveis nos subúrbios ao tempo da *belle époque* o que depreendemos da descrição dos casarões suntuosos contíguos a *caixotes humanos*, quartos onde mal se daria para viver uma família subdivididos e sublocados à população miserável, dentre elas, raparigas pretas que lavavam o peso da roupa sobre si, alienados de sua condição. “Ela abaixava o corpo sobre a roupa, carregava todo o seu peso, ensaboava-a ligeira, batia-a de encontro à pedra e recomeçava. Teve pena daquela pobre mulher, duas vezes triste na sua condição e sua cor”. (BARRETO, 1994, p. 81).

O quadro que se desenha e nos faz assistir a uma cena cotidiana funciona como uma metáfora para designar a violência e a miséria que se instalava contra a população pobre e negra e até mesmo sobre os brancos em nome de um regime em que os desmandos dos eminentes disfarçava-se pela voz doce e tom ameno a dissimular o caráter democrático com se revestia seus discursos em nome do progresso e ou emancipação do Brasil. Nesse sentido poderíamos dizer que Lima Barreto foi o verdadeiro visionário não na acepção negativa da palavra tal como foi chamado seu personagem Policarpo, mas porque tinha uma visão de futuro ao ponto de desenhar o quadro de uma sociedade que pouco a pouco perdia sua fé, suas crenças e costumes ao serem submetidos à égide da modernidade e desvanecimento dos sonhos de uma sociedade melhor e mais igualitária.

Já a crítica em relação à condição dos negros por Bueno é mais explícita: “Ainda que não precise de vossa licença, leitores, permita-me a digressão necessária: negros decerto relinham posto que o riso é privilégio de humanos” (BUENO, 2004, p. 171).

Para além da condição dos negros Del Priore e Venâncio dissertam sobre acontecimentos posteriores à Proclamação, uma delas, as implicações da abolição e consequente desamparo dos libertos que: “[...] além dos sofrimentos da pobreza, tiveram de enfrentar uma série de preconceitos cristalizados em instituições e leis, feitas para estigmatizá-los como subcidadãos, de elementos sem direito à voz na sociedade brasileira”. (2001, p. 269)

O romance de Wilson Bueno evidencia que os negros após serem libertos não sabiam o que fazer com a liberdade. A lei Áurea tinha lhes conferido a liberdade no papel, mas esse fato não acarretou a igualdade:

Os que nos sobraram, a mim e a Elvira, por exemplo, dos entreveros de 88, não desejaram a liberdade e conosco mantiveram-se quietos, cumpridores de seus afazeres, que não eram poucos, quase não incomodavam. Obedeciam-nos cegamente e se pedíssemos que comessem os excrementos de Plutão, capaz comessem, os pobres diabos (BUENO, 2004, p. 172).

Os historiadores acima citados (2001, p. 288) enfatizam ainda que: “Paralelamente a isso, a exclusão dos egressos do cativo no mercado de trabalho livre acentuava a prática de furtos”. O romance também retrata esse aumento de crimes e de roubos quase sempre atribuídos aos libertos, na verdade uma denúncia do fato de que nem ao menos tinham a certeza da autoria, embora quase todos os crimes fossem imputados aos mesmos:

Lá isto não é o relincho das bestas? Se ontem, sob o nosso contrôlo, já significavam o perigo, o que se dirá hoje destes selvagens – soltos por aí, aos bandos, salteando, matando, estuprando? Não digo todos, mas a grossa maioria (BUENO, 2004, p. 172).

Após o 13 de maio de 1888, a importação do ideário europeu teve como um de seus fins desinstalar a instituição definidora de quem eram os negros e quem eram os brancos, pobres e ricos, na sociedade brasileira. O racismo passou a ser visto como uma forma de controlar e definir os papéis sociais, reenquadrando ainda após a abolição, os segmentos da população que não se identificavam com a tradição europeia. Para resolver esse impasse, uns acreditavam que o higienismo poderia solapar as debilidades dos africanos (tal como a sífilis), enquanto outros defendiam a noção de sobrevivência do mais forte, visto como um elemento purificador das raças. Tanto uma opinião quanto a outra se escondia sob os desmandos da política republicana.

No espaço urbano, essa política racista, após 1889, também se propagou e ensejou o “bota abaixo” propagado pelo então governador Pereira Passos que intentava derrubar os velhos casarões e conferir à cidade tons europeus. Para tanto, desalojou os pobres, em sua maioria negra e mulata, levando-os para a periferia. Em *Amar-te a ti...* essa reflexão evidencia-se na passagem em que o narrador nos conta sobre o frenesi do pai de Leocádio em derrubar a casa que lhes servia de moradia e construir outra ainda mais suntuosa, numa atitude de explícita importação europeia:

Teve a audácia o velho Leocádio José em botar abaixo o solar de D. Flora, um legítimo solar Gouvêa Barreto que ela insistia, débil, tomada de culpa e desamparo, ainda assim insistia como sendo “antiquado porém íntimo”...Fez ouvidos moucos à fraca lamúria, o intransigente Leocádio, e logo mandou buscar de um tudo do que julgava o melhor para levantar na chácara centenária um palacete digno de Beauvais ou Versalhes...Ele e seus francesismos de albigeira (BUENO, 2004, p.132).

Estas transformações não foram aceitas com resignação. As intervenções do poder governamental originaram violentas e autoritárias transformações que tiveram início ainda no período monárquico. Os governantes não levavam em consideração as reivindicações dos excluídos, cujas vozes solicitavam que se levasse em consideração uma tradição de vários séculos e o medo de perderem suas casas. Assim, observa-se no discurso a crítica em relação à desfiguração da cidade em detrimento exatamente dos menos favorecidos. Além disso, tanto Barreto quanto Bueno censuram os novos artefatos da modernidade. Na busca pela novidade, as coisas eram rapidamente substituídas.

Em *Amar-te...*, o narrador aprofunda essa dicotomia entre o velho e o novo ao descrever o ressentimento frente à efemeridade dessas novidades. Ao narrar aspectos do século que se descortinava exibe a contradição entre a crença nesse “progresso” e a fugacidade das coisas. No romance de Barreto (1994, p. 77), algumas passagens evidenciam a chegada do progresso e ressalta o medo diante de tais novidades. Nos parece que a comparação pode também ser pensada como crítica ao velho governo (a monarquia) e o medo do novo (a república):

O trem apitou e ele demorou-se a vê-lo chegar. É uma emoção especial de quem mora longe, essa de se ver chegar os meios de transporte que nos põem em comunicação com o resto do mundo. Há uma mescla de medo e de alegria. Ao mesmo tempo que se pensa em boas novas, pensam-se também más. A alternativa angustia...

Assim, a partir da análise do romance concluímos que é da releitura desses fatos e situações passadas que Bueno, ao recriar cenas antigas resgata não só a memória do passado, mas torna viável a discussão desse passado no espaço narrativo no presente. Esta liberdade de criação de que o escritor desfruta não se aplica exclusivamente às informações históricas que o mesmo se apropria o que se revela pela narrativa miscelânea, intertextos, mescla de cultura, costumes, tempos e línguas num mix entre o passado e o presente. Os dados literários apontam para a efemeridade, para a relatividade e o caráter provisório de nossas significações no tempo.

Já Barreto inova pela postura crítica principalmente se considerarmos que escreveu ainda sob a vigência de seu tempo ou seja, de censura, num diálogo com o passado. A mescla entre história e ficção funciona nas duas narrativas como crítica relativas à língua, à escravidão, aos desmandos políticos enfim, dos fatos mais importantes no trânsito do século XIX para o XX redimensionando via ficção, as instabilidades políticas e sociais e a descrença num mundo que, não obstante as modernidades e a transição da Monarquia para a República e que supostamente deveriam se assentar em constituir a égide dos novos tempos, ao contrário, aumentaram ainda mais as discrepâncias, fossem elas políticas ou sociais, exaltando a diferença entre pobres e ricos, brancos, negros e índios.

Referências:

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ed. Objetivo, 1994.

BITTENCOURT, Gilda; PEREIRA, Rogério. *O Otimismo de Bueno*. Entrevista com Wilson Bueno. *Jornal Rascunho*. Curitiba: agosto de 2004.

BUENO, Wilson. *Amar-te a ti nem sei se com carícias*. São Paulo: Planeta, 2004.

DEL PRIORE, Mary & VENÂNCIO, Renato. *O livro de ouro da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HUTCHOEN, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PEN, Marcelo. *Romance de Wilson Bueno insinua os “pecados” de ontem e de hoje*. Folha online. 2004. Disponível em: <http://revista.agulha.non.br/marcelopen2.html>. Acesso em 05 de junho de 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: CIA das Letras, 2015.